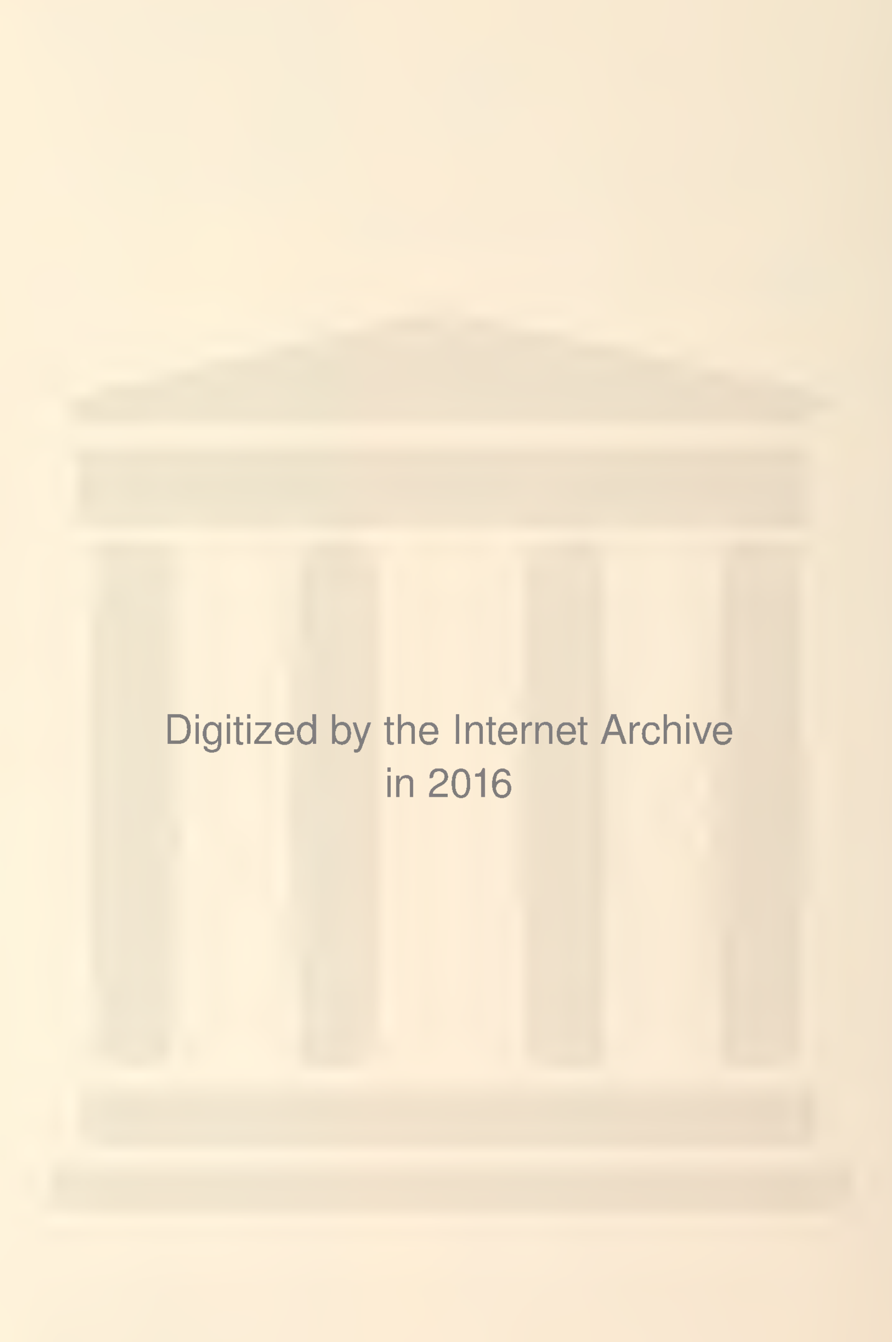










JUVENTUDE EVANGÉLICA

N 3
Ano 5
1958

Tempo para Deus

E' estranho: Sempre quando se trata de Deus, nós não temos tempo. Estamos tão ocupados, tão atarefados que nunca sobra tempo para ler a Bíblia, para fazer a oração diária. Mesmo que não o queiramos a visita do culto sai prejudicada. Não conversamos sôbre cousas substanciais, ou só mui raramente. «A gente não produz mais nada — e não tem mais tempo para nada».

Ainda bem que Deus ainda tem tempo para nós. Governar o mundo inteiro não o ocupa de tal maneira que não se pudesse ocupar mais conosco. Deus tem para ti tempo e eternidade. Êle tem tempo para esperar e mesmo te ajuda para que aprendas a distinguir o importante do fútil, a pôr o eterno sôbre tudo que é passageiro. Às vêzes um pequeno programa para distribuição do tempo durante o dia já ajuda muito. Sempre, porém, o reconhecimento radical de que um pouco de tempo, reservado a Deus prolonga a vida por uma eternidade, resolve a questão.

Leia no próximo número

«O jovem evangélico e o namôro».

«Problemas sexuais do jovem».

«O divórcio».

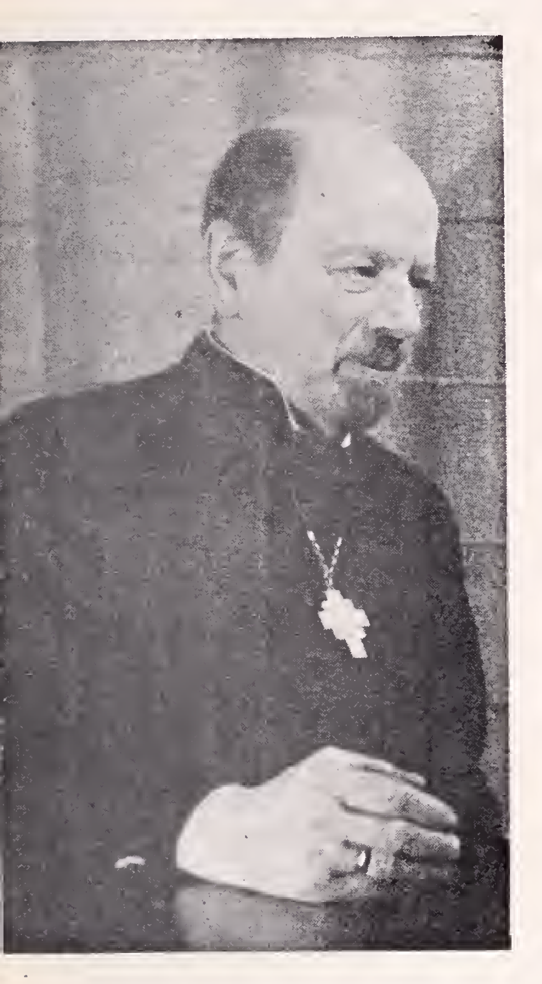
«Resoluções da II Conferência dos Orientadores e Representantes da J.E. (estudos, estruturação do trabalho na Comunidade, no Sínodo e na Federação Sinodal)».

A NOSSA CAPA

Trazemos aqui a cabeça da figura, chamada «o mendigo». E' uma obra de Ernst Barlach (1870-1938), exposta na igreja da Santa Catarina em Luebeck — Alemanha. A obra dêste escultor não foi aceita e compreendida durante muitos anos, sendo êle até perseguido num tempo que não queria ver «o homem em sua nudez entre céu e terra». Após a última guerra mundial o espírito do povo estava mais disposto a acatar a mensagem do artista, expressa com uma fôrça plástica excepcional.

Conheça êste homem:

BISPO D. Dr. OTTO DIBELIUS



«Um cristão nunca é dispensado do seu dever!» Com esta resposta, proferida por ocasião do seu julgamento, quando o Ministro dos Negócios Eclesiásticos da Alemanha nazista lhe perguntou por que continuava a resistir quando não tinha mais êsse dever, revelou o Bispo Dibelius o traço fundamental de sua personalidade. Aos 77 anos de idade, continua a dar cultos nas manhãs de domingo. A voz calma do Bispo, Presidente da Igreja Evangélica na Alemanha, prega o mesmo evangelho intransigente que caracteriza tôda a sua vida. A «Marienkirche», na zona comunista de Berlim, está sempre repleta de fiéis. Do lado de fora, uma multidão. E quando Dibelius sobe ao púlpito, até os comunistas espicham as orelhas. Porque é com sua costumeira firmeza que êle declara: «Nós não oferecemos resistência à autoridade. Mas assim que o Estado se empenhar em dominar as almas dos homens, as palavras de Lutero nos concitam a resistir em nome de Deus. Ainda devemos obediência em primeiro lugar a Deus, não aos homens».

A esta altura, o leitor estará pensando que Dibelius, por ser anticomunista é a favor dos americanos. Em absoluto. Como Bispo evangélico, êle sabe que sua atitude política só pode ser uma: apoiar uma política que contribua para diminuir sempre mais a dor e o luto que cobrem êste nosso agitado mundo.

Dibelius e suas palavras só nos são compreensíveis sob a realidade da fé. Estamos na época dos cinemas lotados e das igrejas vazias. E embora isso desespere alguns ou provoque ironia em outros, êle continua a defender a tese de que «um povo não pode ser renovado espiritualmente num campo de futebol». Seus amigos dizem que êle seria um amargo desprezador da humanidade, não fôsse a verdadeira fé que sempre de novo lhe concede fôrças.

O Bispo Dibelius lê todos os modernos escritores ocidentais, desde Churchill até George Ornell (autor do famoso livro «1984»). De-

CAMPANHA PELA FACULDADE

Temos que retificar a notícia do nr. 2 de que a campanha seria encerrada em fins de maio, como fôra marcado no início. Muitos grupos ainda não estão prontos e outros só agora estão iniciando com a campanha. Além disto os estudantes da Faculdade de Teologia estão atualmente visitando todos os grupos em Santa Catarina e alguns em Paraná, para incentivar o trabalho, sendo possível que daí surja uma participação maior dos grupos daquelas comunidades.

Em vista disto ficou resolvido adiar o fim da campanha até Natal do corrente ano. Esperamos que até lá ainda entrem muitas contribuições.

Santa Rosa (RS.) — Deixamos de incluir por um descuido na relação dos contribuintes, publicada no nr. 2, a contribuição de Cr$ 5.000,00 do grupo de Santa Rosa, o que retificamos aqui.

Saudações cristãs

G. Boll

NOIVARAM: Augusto Raiman e Loni Gerda Mensch da J. E. de Santa Rosa.

Felicitações.

---

testa recepções oficiais, palestras convencionais. E, o que é digno de nota, tem tanta aversão aos filósofos como ao pecado porque crê que aquêles sempre trataram dos problemas do mundo com uma linguagem muito elevada, lançando com isso um véu sôbre o assunto.

No entanto, mais que seus famosos pronunciamentos, o que de fato impressiona em Dibelius é a paciência e quietude. Êle debate todos os problemas culturais políticos e religiosos de nossa época, irradiando contudo uma extraordinária calma. Êle se acha acima do mêdo que domina nossa vida moderna, porque sabe que a eternidade de Deus já venceu êsse mêdo. Suas prédicas, nas igrejas da zona comunista, não são flamantes. E' com amor que êle fala sôbre «aquêles que não têm capacidade para compreender a fé».

Dibelius sabe que «não é fácil viver como cristão, pelo contrário, nossa vida poderia ser muito mais fácil sem Cristo». Mas êle também sabe que nossa vida só adquire um sentido com Cristo e em Cristo.

CRIMINOSOS PORQUE NADA FIZERAM

«N.N. foi condenado à prisão perpétua». — «Mas que é que êle fêz?» «Não fêz nada e é por isto que foi condenado, justamente porque nada fêz». — Isto é uma história muito curta, mas muito freqüente: há muito mais criminosos dêste tipo do que do outro, daquêles que estão nas prisões ou que são procurados pela polícia. Qual é a lei que os condena? Não sei, se no nosso código civil há uma tal, mas sei que perante o Juiz eterno e no código do cristão há um artigo que reza assim: «aquêle que sabe que deve fazer o bem e não faz, nisto está pecando». — Quer dizer que êste nosso bem-estar, a nossa «consciência tranqüila», provenientes de nossa certeza de que ninguém nos pode acusar, isto é uma cousa muito frágil.

No entanto Cristo mesmo quer abrir os olhos e êle mesmo nos quer dar a fôrça e a orientação, para que cumpramos êste seu novo mandamento, assim como êle o ilustrou na história do bom samaritano que teve tempo, dinheiro e compaixão com um «cachorro dum judeu» deitado à beira da estrada.

Para que mais nos sejam abertos os olhos vão aqui alguns exemplos. — No fim do ano passado os jornais alemães trouxeram a seguinte nota: Um menino de 14 anos enforcou-se num barracão de madeira. Era um aluno que tirou nota baixa no colégio e tomou muito à sério uma repreensão referente. A família do menino também não vivia em harmonia e ordem. — Três dias depois foi o entêrro do rapaz. Tôda a sua aula e o professor da aula lhe prestaram as últimas honras e com isto o caso estava encerrado. Enfim, entre 1.200 alunos dum estabelecimento isto pode acontecer. Entre dezenas de milhares de famílias há tantas famílias com as relações em desordem! Quem é que vai se impressionar com isto? com a morte de só um aluno, de só uma família? Quem se daria o trabalho de descobrir os culpados neste drama? de combater os males secretos que corrompem o interior dos invíduos e das famílias? O que queremos é progredir, estar bem na vida! — Mas há Um que vê onde se deixou de fazer o bem, onde o poderíamos ter feito! Diante de Deus não se perde nenhuma vida por menor e mais insignificante que seja. Êle mantém abertos os seus olhos, abertos principalmente sôbre os humildes, fracos e desvantajados.

Outro caso: M. é um criminoso japonês com 28 anos de idade. Quando há alguns anos Eleanor Roosevelt visitou Hiroshima, a cidade sôbre a qual os americanos lançaram a primeira bomba atômica, êle lhe escreveu as seguintes linhas: «Eu não estaria aqui (prisão), se não subira aquêle cogumelo horrível sôbre a casa de meus pais». Um Pastor que lera estas suas linhas foi entrevistar o autor e êste lhe contou a sua história: «Tivemos uma vida familiar harmoniosa e de bem-estar. O que eu mais amava era a minha pequena biblioteca. Veio a guerra e a notícia do lançamento daquela bomba. Quando no dia 6 de agôsto atravessei a cidade em chamas, cheia de corpos nus, sangrentos, se torcendo em agonia e cheguei à casa de meus pais junto ao parque de Hijiyma, ali me lancei como um louco sôbre os meus livros e os rasguei. Para que serviam se uma cousa destas era possível? Nada mais valiam palavras e leis! E continuei rasgando as páginas furiosamente até que se me esgotaram

as fôrças. Durante a noite me arrependi do que fizera. Juntei tudo o que ainda podia encontrar. No entanto, por mais que me esforçasse, não consegui juntar mais as páginas de um único livro». E aquela dôr e decepção interior lhe roíam por dentro, e o destruíam até que o levaram a matar um homem. «Para que servem todos os belos ensinamentos, tôdas as grandes relaizações dos homens e tôdas as belas criações de arte, se isto é possível?» — esta é a pergunta que nos ocupa. Hoje há armas mil vêzes mais poderosas que aquela de Hiroshima, as experiências com as mesmas envenenam tôda a atmosfera do glôbo terrestre, sempre mais povos se armam com elas — e nós achamos que podemos viver aqui no Brasil alheios a estas cousas, como se nada tivéssemos que ver com o assunto. Por que não levantamos a nossa voz contra estas experiências e contra esta corrida armamentista suicida? Que fizemos para diminuir a tensão entre as classes sociais em nosso povo e a tensão entre os povos. Há milhares de pessoas que anualmente morrem de tuberculose em nosso povo, que são subnutridas e não ganham que chega para viver de maneira digna do homem — e nós nos satisfizemos em pensar em nosso próprio bem-estar geral. Seria um sonho irrealista pensar que nós jovens podemos mudar esta situação. Mas podemos contribuir para que melhore, pensando onde em nosso meio podemos praticar aquêle bem que Deus espera de nós: pensar feridas, ajudar aos órfãos e abandonados e doentes, enviar auxílio aos flagelados pela sêca ou enchente, dar agasalho aos sem-agasalho, pagar ordenados justos. Verdadeiro amor ao próximo, sem distinções, é mais forte do que as catástrofes.

G. Boll

SUICIDIO

Breno

Há pessoas que têm uma filosofia bastante prática e simplista a respeito do suicídio. O suicídio, dizem elas, é um misto de coragem e covardia. Covardia para enfrentar os problemas da vida e coragem para enfrentar o além. E como todo homem tem mêdo de alguma coisa, principalmente do «além», essa definição é aceita de um modo geral.

Mas há uma nota falsa em todo o conjunto. Há um tom de desculpa, de leviandade. Sim, com tal definição, fugimos automàticamente ao assunto. Mesmo porque essa questão de suicídio e suicidas é realmente complicada.

Todos já sentiram ou sentirão, em alguma ocasião da vida, ímpetos de se suicidar. Certas pessoas vão mesmo ao médico. A consulta é bastante cara e as pilulazinhas brancas e verdes que êle receita, mais caras ainda. Mas o mundo seria outro, se fôsse possível resolver tudo por meio de pílulas . . .

Por que é que há suicidas?

À medida que nos aproximarmos de Deus, mais clara ficará a resposta: porque é impossível viver sem Deus. Êle, o Pai Todo-poderoso, tem sido nosso refúgio de geração em geração. Êle é nosso consôlo, nossa esperança. Sem êle, nossa vida perde seu sentido. Nada mais tem significado, importância. Quanto mais nos afastarmos de Deus, quanto mais nos soltarmos do rochedo, mais fôrças teremos que empregar para enfrentar a fúria das ondas e das intempéries. E nunca o conseguiremos sòzinhos. Chegará um momento, em que fatalmente sucumbiremos. O suicídio é,

ABRIU-SE A PORTA AO UNIVERSO

Adaptou **Hans Helmuth Zürn**

Com o lançamento do primeiro satélite artificial a humanidade chegou à primeira etapa do desbravamento do Universo. Cientistas e técnicos russos construiram e lançaram o Sputnik I, II, e III e provaram que nos é possível deixar o globo terrestre e voar pelo espaço a fora.

Mas o intúito de viajar a Lua ou planetas próximos não apareceu em nosso tempo. Por exemplo Lukkan de Samosta, falecido pelo ano de 200 após Cristo, escreveu um livro no qual narra como homens teriam chegado à Lua. Entretanto êle mesmo dizia que sua História não passava de mentira do comêço ao fim.

Êsse livro era apenas uma fábula alegre. Porém, cientìficamente, salientou-se 1400 anos após João Kepler, o famoso astrônomo que num livro descreve o estado da Lua à qual chegam homens carregados por demônios. A descrição lunar assemelha-se bastante à suposição contemporânea:

Muitos outros se preocupavam com viagens interplanetárias: cientistas, escritores, poetas e eclesiásticos.

E' interessante notar que essas suposições de vôo eram descritas antes do primeiro vôo efetuado em 1783 pelos irmãos Montgolfier. Antes disso o homem não permanecia nem um metro acima do solo. Aquelas descrições eram, por assim dizer, utopias sem limites naquele tempo.

No limiar do século XIX, pela enorme quantidade de invenções que surgiam, os romances utópicos tiveram seu esplendor. Dentre êles destacava-se «DA TERRA PARA A LUA» de Júlio Verne. Sua imaginação faz viajar 3 pessoas num projétil ôco lançado por um canhão gigante. Na realidade de modo nenhum poderia-se fazer semelhante proeza, porque, ou o charuto-projétil estouraria logo ao ser atirado, ou as pessoas não teriam suportado tal lançamento e, ainda, por mais forte que fôsse o explosivo empregado, o projétil nunca teria vencido a ação da gravidade terrestre.

Mas que entendemos por gravidade terrestre?



Esta é uma das estações no espaço que marcarão as etapas na futura viagem à Lua.

---

antes de tudo, um ato de suprema aflição, de desespêro supremo.

Por outro lado, não podemos lavar nossas mãos, talqualmente Pilatos o fêz. Se a dor de nosso irmão é tal, que êle se esquece de Deus, é porque nós não costumávamos falar de Deus a êle. Geralmente cremos que nosso semblante é tão angelical, só porque julgamos ser cristãos, que não precisamos mais preocupar-nos: todos já o sabem.

Será que nosso vizinho o sabe? E se êle se suicidar?

E' a atração exercida pelo centro da Terra e que se forma cada vez menor, se nos distanciarmos do globo terrestre. Quem, portanto, quiser viajar pelo espaço sideral precisa ter um meio de transporte que possa desenvolver a velocidade de 11,2 km. por segundo afim de fugir do campo de ação da atração terrestre. Tal velocidade apenas foguetes poderiam desenvolver. Isto já reconhecia um matemático russo chamado Ziolkowski. Dizia êle ainda no começo dêste século que a humanidade não permanecerá por sempre na Terra.

Com o decorrer do tempo, cada vez mais os cientistas se certificaram de que, para atingir grandes alturas, apenas foguetes de propulsão a jato poderiam ser empregados.

Mas estudemos primeiro como funciona um foguete.

Trata-se de um corpo, meio projétil, meio avião. Combina as vantagens de ambos. Os foguetes carregam consigo o combustível necessário cuja fôrça os move. Em seu interior são queimadas substâncias explosivas cujos gases expelidos com grande velocidade fazem com que o corpo se movimente em sentido contrário à sua expulsão.

Podemos fazer essa experiência. Enchemos um balão com ar e soltamo-lo deixando assim escapar o ar comprimido. Veremos que êle se move justamente devido à rápida expulsão do ar que se achava comprimido dentro dêle. E' o princípio da repulsão.

Podemos concluir também que os foguetes não recebem logo a velocidade máxima como acontece com os projéteis. Isto representa uma grande vantagem para as naves espaciais, pois caso contrário, o homem não poderia suportar a partida nas mesmas.

Afim de aumentar a velocidade de um foguete, pois uma nave espacial precisa atravessar todo o campo de ação da gravidade da Terra e para tal necessita a velocidade de 11250 m. por segundo, têm-se essas duas possibilidades:

1) aumenta-se a velocidade de expulsão dos gases:

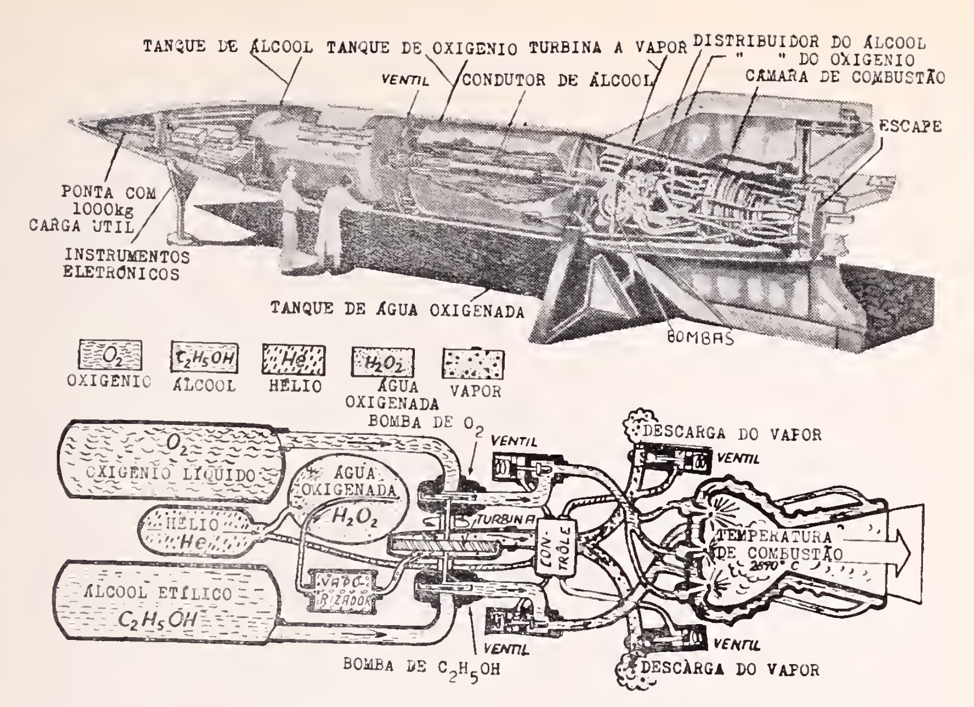
2) deixa-se o foguete queimar durante mais tempo.

Mais simples é o primeiro caminho, porque afim de deixar o foguete queimar durante mais tempo, torna-se necessário mais combustível o que torna o objeto mais pesado.

Aliás foguetes já existiam entre os chineses desde o século XII, os quais usavam os mesmos para atrapalhar o inimigo e para acender os fortes dos mesmos. Os árabes trouxeram êsses corpos simples para a Europa no século seguinte.

Nas guerras da Áustria contra Napoleão, os primeiros possuíam um destacamento aparelhado com foguetes.
Porém, devido muito à sua falibilidade, êstes objetos foram postos fora de uso. Partida falida, e já explodiam entre seus lançadores.

No começo dêste século pensou-se em substituir a pólvora por um combustível líquido, mais leve e mais dirigível, afim de guiar melhor a combustão nos foguetes. Pensou-se muito sôbre isto, destacando-se o americano Goddard e o alemão Oberth. Semelhante ao sistema de Oberth, temos os foguetes atuais que são movidos pela combustão de álcool etílico C_2H_5OH com o oxigênio O_2 líquido. Para



Um foguete interplanetário e seu funcionamento.

imprimir movimento à turbina a qual comprime o álcool e o oxigênio separadamente à câmara de combustão, usa-se um vapor formado de água oxigenada H^2O^2 e Hélio. Teòricamente é êste um sistema simples e eficiente.

O oxigênio que é o comburente isto é. que possibilita a combustão, é muito necessário devido à ausência dêste em camadas superiores do envoltório terrestre.

Não sabemos quais as substâncias motoras usadas pelos russos. Sabemos porém que êstes se acham adiantados no setor dos foguetes. Lançaram três satélites o primeiro de 83 kg., o segundo com 508 e o tereciro com 1300 kg. Os respectivos foguetes de várias secções deviam ter pesado acima de 80 toneladas o 1º, 200 ton. o 2º e mais de 300 ton. o 3º. Portanto é fácil crer que os soviéticos dentro em breve atingirão a Lua.

Não importa se são os russos ou os americanos os primeiros a atingir o espaço inter-planetar. Não sabemos como o homem resistirá nestas viagens. Muitos já se ofereceram para tais experiências. Já se sabe que a vida resiste nas partidas; por exemplo a cachorra Laica no 2º Sputnik apresentava-se normal; igualmente os macacos e os ratos dos americanos. O que nos sucede nas partidas é a perda temporária de equilíbrio porque somos comprimidos contra os asentos como dentro de um automóvel em rápida partida.

Sabemos também que a vida se apresenta normal sem a existência da fôrça de gravidade.

Como se apresena essa inexistência da fôrça de gravidade?

Logo que a fôrça de atração da Terra diminui, todos os corpos perdem seu pêso. Êstes mantêm-se suspensos dentro da nave espacial. Por exemplo, se deixássemos escorrer o

líquido de uma garrafa, êste não vai jorrar, apenas sairá se agitarmos o frasco. O líquido, uma vez **suspenso no éter, poderá ser tomado** através de um canudo.

Poderíamos enumerar muitas situações engraçadas. Os cientistas porém, já acharam um método de substituir a atração da Terra. E' a **fôrça centrífuga.** Se andarmos de carroussel notamos que existe uma tendência de nos afastar do eixo de rotação da máquina. Êste sistema empregado na estação espacial poderia dar pêso aos corpos. Adaptando do lado de fora do perímetro circular da estação vários motores a jato (único modo de locomoção no vácuo), êstes imprimem o desejado movimento de rotação. Assim todos os corpos são atraidos à parte interna da parede mais afastada do centro do objeto. Uma vez em movimento e desligados os motores, como não há atrito, o objeto permanecerá para sempre naquele movimento.

Uma vez atingido a tal ponto, aparecem ainda muitos e graves problemas. A distribuição e armazenamento de **ar, alimentos e água.** Para isso são necessários reservatórios espaciais que possam abastecer as naves. A temperatura naquelas alturas parece ser problemática, porém não o é. A —273°C se apresenta o vazio espacial. Porém, o Sol iluminando um corpo, êste terá nossa temperatura ambiente. Não há no vácuo transmissão de frio ou de calor como à superfície da Terra devido à atmosfera,. Para regularizar a temperatura nos corpos, êstes devem ter a côr apropriada para absorver a quantidade ideal de calor irradiado pelo Sol. Sabemos que o branco absorve pouco e o preto absorve muito.

Os perigos principais provêm do próprio espaço: **os raios cósmicos e os meteóros.** Os primeiros são partículas, os prótons talvez que atravessam os corpos ocasiando radiações perigosas. A atmosfera deixa passar apenas certa quantidade; por outro lado estas radiações são necessárias ao crescimento quando em doses moderadas.

Os meteóros, de todos os tamanhos, representam apenas perigo quando capazes de perfurar a capa das naves e estações. Calcula-se que em um ano haja um meteóro que atinja e perfure algum corpo.

O futuro das viagens interplanetárias depende dos armazens espaciais. Wernher von Braun, Hermann Oberth outros cientistas estão convencidos que se possa construir tais **estações espaciais.** Estas serão tão grandes que não se consiga apenas armazenar víveres mas também haja instrumentos científicos para observação, bem como espelhos que possam regular a quantidade de raios solares emitidos para a Terra tornando férteis os desertos e habitáveis regiões que antes estavam congeladas.

Contudo não podemos responder à pergunta **se é possível desembarcar na Lua** ou em planetas próximos. Os astrônomos duvidam. Em nenhum dos astros próximos há condições semelhantes à Terra. Na Lua, devido à ausência de atmosfera, os homens estão expostos aos meteóros e as diferentes radiações solares (utra-violetas, infra-vermelhas, cósmicas) que são perigosas quando em grande quantidade. Nos planetas Vênus e Marte as condições atmosféricas são precárias, havendo até gases venenosos.

O professor Haber, médico e cientista sôbre viagens interplanetárias, exprimiu-se assim nos Estados Unidos:

«Dentre os nove planetas de nosso Sistema Solar existe apenas um que é rico, alegre, convidativo e completamente equipado, e portador de vida superior. E' a Terra em que vivemos».

PENA DE MORTE

Breno

De quando em vez, a opinião pública é abalada por um dêsses crimes hediondos, com todos os requintes de crueldade, praticados friamente, premeditadamente. A imprensa escrita e falada, por não ter ainda descoberto outro método de se fazer interessante, comenta o fato espalhafatosamente. As manchetes, em maioria irresponsáveis, descrevem detalhes inexistentes com sádica precisão, como a saborear os arrepios dos leitores mais ávidos e menos avisados. Sem observar precedentes, sem medir consequências, distribui-se adjetivos a torto e a direito, de modo que a vítima seja envolta num sudário de santidade, pureza e inocência e o criminoso, é tachado de monstro desalmado e sedento de sangue. Em poucos minutos, classifica-se um ser humano como se fôra um objeto qualquer. Um matou e outro morreu. Logo, um é mau e o outro era bom.

O sonolento jornalista que escreve a reportagem a respeito de um crime, tecendo os habituais comentários, enfeitando-os com os já consagrados adjetivos, tem sua tarefa por finda. E vai pra casa dormir. Condenou, com sua crônica, um homem a quem nem sequer conhece (se conhece, é de vista apenas!) e vai dormir o sono dos justos.

Que acontecerá aos milhares de leitores? Às crianças que, com olhos arregalados, lerão o jornal? Aos chefes de família que sacudirão os punhos indignados? Às mães que, sempre cuidadosas, temerão igual catástrofe em seu próprio lar??

A todos ocorrerá o mesmo. Aquilo que se chama «prestação de contas à sociedade». O criminoso, com seu ato, agrediu a sociedade. Deverá, portanto, resgatar sua dívida para com essa mesma sociedade. Matou, logo, deverá morrer também.

Em muitos países que se jactam de mais civilizados que o nosso, foi introduzida a pena de morte.

Já é tradição secular. E' interessante observar que o número de crimes não diminuiu. Como demonstra a escritora Rachel de Queiroz, em brilhante artigo, parece que a pena de morte possui efeito mais negativo que positivo. Enquanto que aqui o criminoso ainda pode contar com uma possibilidade de recuperação, de regeneração, nas outras nações «mais adiantadas», sabe-se êle completamente perdido.

Se matou um, seus dias estão contados. Logo, é preferível matar mais meia dúzia, para, pelo menos, morrer com fama de herói. Não acreditam? Reparem se a História venera justamente os maiores assassinos que o mundo já viu nascer! Os conquistadores de continentes com uma trilha de sangue e cadáveres atrás de si, são a matéria estudada por nossos colegiais. Os grandes benfeitores da humanidade são ràpidamente esquecidos. Não é de admirar que um adolescente, ao qual se ensina o culto aos sanguinários, venha a tornar-se um sanguinário também. Basta que o lar onde se criou seja daquele tipo de lares onde não se lê mais a Bíblia, onde se come sem agradecer a Deus pela refeição ingerida, onde as palestras se resumem em escândalos politicos e da vizinhança, sem contar as muitas cretinas novelas de rádio que só servem para mocinhas sem objetivo na vida e mulheres frustradas . . . Tudo isso pode criar um

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Esta seção está à disposição dos leitores. Tôda e qualquer carta será respondida. Correspondência para Breno Schumann, Cx. postal 14, S. Leopoldo - R.S.

N. K., da Juventude Evangélica de Marcelino Ramos — R.S., pergunta-nos se Jesus, no seu tempo, seguia uma religião ou se fundou uma nova religião.

Sua pergunta é oportuna e cremos que a maioria de nossos leitores não saberia respondê-la. Em primeiro lugar, que é religião? Sociològicamente falando, é um sistema solidário de crenças e práticas relativas a coisas sagradas (=separadas, interditas), e que unem em uma mesma comunidade moral (Igreja) todos os que aderem a êsse sistema. Estudando a questão sob êsse ponto de vista, o Cristianismo e judaísmo, pertence ao grupo das religiões monoteístas, assim como há religiões politeístas (bramanismo e xintoísmo) e religiões fetichistas (práticas afro-indígenas). Êsse tipo de informações, V. encontrará em qualquer livro de geografia humana. Mas é claro que uma resposta mais correta, mais clara e mais exata só nos poderá ser fornecida pela Teologia (doutrina que trata das coisas divinas). A Teologia diz-nos que o Cristianismo é Revelação, isto é, Deus tirou o véu que O escondia e revelou-Se aos homens, na pessoa de Jesus Cristo, «verdadeiro Deus e verdadeiro homem», afirmação esta que não se encontra apenas na explicação de Lutero ao 1º artigo do Credo Apostólico, mas sim em todo Novo Testamento. Deus saíu de Seu silêncio e Deus falou. Assim o Cristianismo não é apenas uma das muitas religiões difundidas entre os povos, mas sim a Revelação que Deus fêz de Si mesmo a nós.

---

monstro cruel, sanguinário, frio (para repetir os adjetivos de nossos jornais). Mas que direito temos nós de acusar tal pessoa? Que temos feito nós para que nossos lares não produzam tais «monstros»? Como podemos condenar alguém à morte, se nós somos os culpados? Sim, é preciso reconhecer isso, por mais doloroso que seja: nós somos os culpados! Culpados, porque não amamos nosso irmão, como a nós mesmos! Culpados porque não estendemos nossa mão àquele que caíra ao pêso de seu fardo, ao nosso lado. Mas porque tínhamos muito que fazer, porque tínhamos que ir ao cinema, ao baile, não podíamos voltar atrás, ajoelhar ao lado do aflito, do cansado, do desconsolado e dizer-lhe que o Pai está sempre conosco, por mais escura e desconsoladora que seja a solidão que nos cerca.

Nossas mãos estão limpas. E justamente por isso não nos é lícito acusar o irmão. As únicas mãos que podem assinar uma sentença de morte, são aquelas que foram trespassadas pelos cravos de uma cruz, no Calvário. No entanto, Êle disse: Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem.

Cada vez que lemos a crônica policial, em lugar de nos indignarmos, seria melhor juntar as mãos e dizer:

— Pai, perdoa-lhe e tem piedade de mim!

FOMOS AO BOTOCARAÍ

Isolde Lamberts, S. Cr. do Sul

Dia 1º de maio, dia do Trabalho, fizemos uma excursão ao monte Botucaraí.

Uniram-se três turmas de Juventude Evangélica: Cachoeira do Sul, Candelária e Santa Cruz do Sul.

Passamos por Candelária para buscar a turma que nos acompanharia.

O ônibus levou-nos até o lugar onde se entra para depois, mais adiante, começar a subir o môrro. Lá esperamos a Juventude de Cachoeira do Sul.

Alguns colegas foram na frente, pois não lhes agradou a idéia de esperar muito pelos outros. Caminhamos um pouco, entramos na roça e nada dêles chegarem.

De repente, vimos ao lado do caminho, umas bergamoteiras carregadinhas. — «Que achado», não esperamos mais ninguém, enchemos os bolsos e começamos a comer.

A seguir, voltamos um trecho e sentamo-nos num tronco de árvore, que estava caído, à espera dos outros colegas.

Ouviu-se uma voz, gritando: «Não vamos subir porque vai chover!» Felizmente foi mentira!

Ao subirmos, uns sabichões meteram-se à frente do guia e erraram o caminho. O guia por sua vez, vendo isto, convidou-nos a voltar mas ninguém quis, pois acharam que não valeria a pena, só uns dois o acompanharam e êstes, chegaram antes lá em cima do que nós.

Nós, tinhamos que abrir caminho e volta e meia ouviam-se os gritos: «Cuidado que vem pedra!» «Olha a pedra, etc.!» Foi horrível para subir, só quem viu, é que sabe como foi, ninguém pode-se imaginar o que nós passamos, pois é, em vez de subirmos em hora e meia, levamos 3 horas e meia para a subida, sabem lá o que é isso? Ainda bem que a nossa turma foi prevenida, levando os apetrechos nas costas, os outros, coitados, passaram mais serviço ainda.

Ao chegarmos lá em cima, tratamos de cuidar do nosso estômago, e com que vontade de comer!!

Depois de estarem todos satisfeitos, começamos a cantar. Esta alegria não durou muito, logo começou a chover tão forte, que todos corremos para procurar abrigo em baixo do pequenino telhado que lá existe. Aquilo estava como sardinha em lata.

Por motivo do mau tempo não avistamos quase nada, poucos foram até o marco onde diz a altitude do môrro.

Quando não choveu mais tão forte, começou-se a descer, em turmas. Ninguém queria ser o último porque o caminho ia ficando cada vêz mais resbaloso.



A turma que literalmente fez isso com o Botocaraí: den Büchel rinntergerütscht.

Na subida, suamos que não foi brincadeira e, na descida, escorria pelos cabelos a água da chuva. Todos riam, uns dos tombos dos outros; às vêzes um se gabava que não tinha caído ainda, mas mal acabava de pronunciar isto e também já se ia com o trazeiro no chão. Muitos, quando viram a coisa preta, sentaram-se no chão e zzuum... môrro abaixo, e, chegando ao pé do mesmo, onde existe a tal de Fonte Santa, como a chamam, todos os que já estavam lá, batiam palmas para os que iam chegando, quase rolando.

Na Fonte Santa nos lavamos e a água ficou tão suja, que no fim já se tinha nojo da mesma.

Lá foram eleitos: O rei da sujeira, a rainha da sujeira e a princesa da sujeira, que tal essa eleição!!

Como rainha foi eleita, uma tal de D. Lia, de Cachoeira, estava simplesmente horrível, pois até as calças pescador rasgou, como rei, foi escolhido um de Candelária, o qual também rasgou as calças e um calção. Êste foi bem prevenido, pois tinha por sorte, mais um fôrro por baixo, logo estava com apenas 3 calças.

Ao passarmos pela roça, todos só diziam: — Que é que o dono do ônibus dirá quando nos enxergar assim? Felizmente o nosso Espoleta foi muito camarada e só ria do nosso estado, deixando-nos entrar assim mesmo.

Chegando em Candelária, subimos todos, exceto os colegas de Cachoeira, no caminhão de carga que levou os de Candelária e damos uma voltinha pela cidade. Que folia, que gritaria, parecia um bando de catorritas.

Na volta cantamos e até dansamos, no corredor do ônibus.

(continua na pág. 16)

Deutscher Teil

NICHT IM DUNKELN TAPPEN

Sende dein Licht und deine Wahrheit, dass sie mich leiten

Psalm 43,3

Es ist schlecht, im Dunkel zu laufen; man erkennt keine Richtung und kein Ziel. Wir gehen heute meist auf hell erleuchteten Strassen daher, die uns die Nacht fast vergessen lassen. Aber in der Frage nach Richtung und Ziel unseres Lebens tappen wir im Dunkeln. Wie sollen wir leben?

Aber es gibt noch tieferes Dunkel; unter ihm leidet der Psalmsänger. Er glaubt doch an Gott, — aber warum rückt der so ferne? Warum lässt er den Beter so verzweifeln? Warum hilft er nicht? Stattdessen können andere, die sich überhaupt nicht um Gott kümmern, das grosse Wort haben. Es ist, als habe Gott versagt, ja, als sei er gar nicht da. Der Psalmsänger betet trozdem zu Gott. Dies Gebet fängt mit einer Anklage an. Und dann bittet er: Sende dein Licht und deine Wahrheit. Er weiss: es ist nicht garantiert, dass alle Not einfach in Freude verzaubert wird, aber in das bedrängende Dunkel kann Gott sein Licht hereinfallen lassen. So darf jeder in seiner Not Gott bitten.

Warum wagen wir es nicht? Vielleicht haben wir Angst, so zu beten. Denn wenn Gott sein Licht, seine Wahrheit sendet, dann erleuchtet es nicht nur Böses um mich herum, sondern auch das Böse in mir bringt es unter die Augen Gottes. Und das ist ein Unglück. Aber bete doch beherzt dieses Gebet. Wo Gott Dinge ans Licht bringt, da ist es immer Befreiung auch, wenn es weh tut.

Sende dein Licht und deine Wahrheit, dass sie mich leiten — nicht nur so irgend wie durchs Leben, sondern zu deiner Wohnung, dass ich hineingehe zum Altar Gottes. Diese Wegeweisung will der Psalmsänger haben: den erleuchteten Weg zum Altar Gottes, zu seiner heiligen Gegenwart, zu seiner Versöhnung. Sie ist für uns an keinen Tempel gebunden.

Jesus der Gekreuzigte ist die Stätte, zu der die Lichter des Wortes Gottes weisen. Da wird ein Leben zielklar, wo der Blick zum gekreuzigten Jesus wieder da ist. Und wer zu ihm kommt, der erfährt, dass durch ihn, das Licht der Welt, auch die Strasse des Lebens in Beruf und Schule, hell wird.

Käthe Kreling - Bad Salzuflen

ZWEIERLEI LIED

«Der Herr hat mir ein neues Lied in meinen Mund gegeben, zu loben unsern Gott. Das werden viele sehen und den Herrn fürchten und auf ihn hoffen». Ps. 40,4.

Es gibt nicht nur bei Amseln zweierlei Lieder. Das gibt's auch bei uns Menschen. Es gibt Lieder der Lippen und Lieder des Herzens. Geistlich tote Menschen können religiöse Töne piepsen. Es ist aber etwas völlig anderes, wenn Gottes Geist den Frühling bringt und das Herz ein neues Lied vom Wunder des Lebens singt.

Vom Lied der Lippen, sagt Gottes Wort: «Tue nur weg von Mir das Geplärr deiner Lieder; denn Ich mag dein Psalterspiel nicht hören». Amos 5,23.

Von den Liedern des Herzens schreibt der Apostel Paulus: «Redet untereinander in Psalmen und Lobgesängen und geistlichen Liedern, singt und spielt dem Herrn in euren Herzen!» Eph. 5,19.

Lasst uns inständig bitten um eine Erweckung, um einen neuen Frühling Gottes! Dann gibt es neue Lieder in Fülle. Menschenlieder verwehen und vergehen. Die Gotteslieder haben Ewigkeit in sich. Gott selbst ist es, der im Wehen des Geistes neue Lieder des Herzens schenkt.

Ich will dem Herrn singen mein Leben lang und meinen Gott loben, solange ich bin. Ps. 104,33.

Was wir brauchen

1. Das ist's was wir brauchen: ein mutiges Wagen
für Jesu Sache in unseren Tagen.
Er selbst will für uns ja die Grenzen weiten,
auf nie begangenen Wegen uns leiten.
Er ruft alle die Seinen vom sicheren Ruhn
zum Kampf an den Fronten, zum Einsatz, zum Tun!

2. Das ist's, was wir brauchen: ein fröhliches Sagen
der Botschaft, die Jesus uns aufgetragen.
Nicht nur in Kirchen und Räumen der Frommen,
nein dort, wo noch nie jemand hingekommen,
in Häusern, in Märkten, dort, wo die Millionen
noch fern von der rettenden Kunde wohnen!

3. Das ist's, was wir brauchen: Zeugen, die leben,
die, was sie empfangen, nun weitergeben.
Die all ihre Kräfte und all ihre Gaben
nicht in der kleinlichen Enge vergraben.
Von selbst ist kaum einer zu Jesus gekommen,
man habe ihn denn bei der Hand genommen!

4. Das ist's, was die Welt braucht: ein Zeugnis, das zündet,
das tote Herzen mit Jesus verbindet,
das hilft, in den letzten, gerichtsreifen Zeiten
dem Kommen des Heilandas den Weg zu bereiten
in Herzen, die jetzt noch sich retten lassen!
Wer folgt den Ruf auf die Märkte, die Strassen?

5. Das ist's, was Gott braucht: in allen Lagen,
an jedem Platze: Menschen, die's wagen,
von Jesus zu zeugen, an Arbeitstätten,
im Zug, beim Einkauf, an Krankenbetten,
im Büro, im Laden, wo offen die Türen.
Es geht darum, Menschen zu Jesus zu führen!

H. W.
Lontras (S.C.)



So jemand spricht: «Ich liebe Gott», und hasst seinen Bruder, der ist ein Luegner. Denn wer seinen Bruder nicht liebt, den er sieht, wie kann er Gott lieben, den er nicht sieht?

Und dies Gebot haben wir von ihm, dass wer Gott liebt, dass er auch seinen Bruder liebe.

Johannes

WIE DU MIR — SO ICH DIR

Wie Du mir — so ich Dir", das ist eine weit verbreitete Redensart. Man denkt sich nicht viel dabei und hält das mehr oder weniger für selbstverständlich. Wenn man eins verpasst gekriegt hat, will man natürlich die Gelegenheit benutzen, dem anderen dafür „eins auszuwischen". Es ist gewissermassen ein physikalisches Gesetz, dem man hier folgt. Druck erzeugt Gegendruck, Stoss und Hieb wechseln sich in unablässiger Folge ab. Man kann sich ja schliesslich auch nicht alles gefallen lassen.

Soweit so gut. Ich wollte zwar keine fromme Geschichte erzählen und erst recht keine Moralpredigt halten, aber ob das so wirklich alles in Ordnung geht? Man müsste sich das einmal ein Weilchen überlegen. Vielleicht wäre es auch nicht falsch, einmal die Bibel aufzuschlagen. „Auge um Auge — Zahn um Zahn" — das ist ein Satz, den wir zwar schon im Alten Testament vorfinden. Wir dünken uns darüber weit erhaben. Altes mosaiches Gesetz, aus dem Vorderen Orient stammendes Rachedenken — so etwa beurteilen wir diesen Satz. Das aber hält uns keineswegs davon ab, unbekümmert weiterzuleben wie immer. „Auge um Auge — Zahn um Zahn", das kommt für uns natürlich gar nicht in Frage. Wir drücken uns kultivierter aus. Wir „wischen eben dem eines aus", der uns „eins verpasst hat", und sagen dazu: „Wie du mir — so ich Dir"! Über das Zeitalter der Blutrache sind wir ja längst hinaus.

Aber was hat sich eigentlich damit geändert? Hat sich das Verhalten des Menschen grundlegend gewandelt? Sicher kann ein gewisser Fortschritt angesehen werden, dass man Streitigkeiten vor Gericht austrägt und sich nicht einfach gegenseitig beschimpft, beleidigt oder sogar totschlägt. Wir wollten, es wäre im grossen Völkerleben auch erst soweit, dass die Austragung von Streit vor geordneten Gerichten erfolgte und man sich nicht gegenseitig mit Krieg überzieht. Aber dennoch darf man nicht verkennen, dass auch der Rechtsstreit nach dem Grundsatz „Auge um Auge — Zahn um Zahn" ausgefochten wird. Alles nur erdenklich Mögliche wird herbeigezerrt, und dem Gegner ins Gesicht geschleudert. Auch hier gebt es Zug um Zug. Aber soweit braucht es ja gar nicht zu kommen. Denken wir nur einmal an das tägliche Leben, an die vielen kleinen und oft so hässlichen Schikanen, die wir uns gegenseitig zufügen und — falls wir überhaupt einmal zur Rede gestellt werden — dann gleich die Antwort bereithalten: „Ja, aber der hat mir doch auch... Soll ich mir denn alles gefallen lassen?"

Es ist also offensichtlich doch das physikalische Gesetz von Druck und Gegendruck, das sich hier im menschlichen Leben wie eine Naturgegebenheit auswirkt. Alle diese vielen kleinen Reiberein, Widerwärtigkeiten, Streitereien ergeben sich im grossen wie im kleinen. Oft so tragische Konflikte, Misstrauen und das, Unverständnis und Unzulänglichkeit — das sind Erscheinungsformen des menschlichen Daseins, die nur allzu oft zur Verschärfung des Situation beitragen und auch durch die Unbekümmertheit eines fröhlichen Lachens und die Gelassenheit einer humorvollen Haltung nur selten überwunden werden können. Vielleicht liegt alles daran, dass sich der Mensch zu wichtig nimmt. Das Ich ist verletzt, und deshalb sagt man: „Wie Du mir — so ich Dir!"

Betrachten wir diese Situation nüchtern, so müssen wir zugeben, dass auch die Christen keine allzu grossen Ausnahmen machen. Humorlosigkeit und Engstirnigkeit sind hier nicht weniger oft verbreitet als anderswo, und das Wort „Wie Du mir — so ich Dir" ist auch unter Christen keine Seltenheit. Man denkt sich nicht viel dabei und hat sich meist damit abgefunden. Andere mögen den Kopf schütteln und meinen, es müsste anders sein. Das ist auch keineswegs zu bestreiten. Gewiss kennt man das Wort von der Feindesliebe, und jeder, der sich ein Christ nennt, hat schon einmal den Satz gehört: „Wer Dich schlägt auf die linke Backe, dem biete auch die rechte dar". „Wer Dich bittet um den Rock, dem gib auch den Mantel". „Wer Dich bittet, eine

Meile mit ihm zu gehen, mit dem gehe zwei". Man denkt sich auch dabei nicht allzuwiel, obwohl jeder Christ diesen Worten den Respekt nicht versagen wird. Was aber würden wir autworten, wenn wir mit einem Mal gefragt würden, ob man als Christ auch den Satz „Wie Du mir — so ich Dir" aussprechen kann? Wir würden dann vielleicht vom Christentum ein neues Verständnis gewinnen, wenn wir den Lebensvollzug, der aus dem christlichen Glauben herauskommt, besser erkennen würden. Christlicher Glaube ist Aufhegung des Gesetzes und damit auch jener fluchwürdigen Gesetzlichkeit von Stoss und Gegenstoss. Der Christ soll den Schlag ertragen, ohne zurückzuschlagen, den Stoss erdulden, ohne zurückzustossen. Es könnte aber eher christlich sein zu sagen: „Du kannst mir gar nicht... als: Wie Du mir — so ich Dir". Aus dem Gesetz von Stoss und Gegenstoss gerät die Welt in den Kreislauf des Verderbens, aus dem sie niemals herauskommt. Jesus wollte die Menschen, die an seinen Namen glauben, aus diesem Kreislauf herausführen und ihnen damit den Weg in ein neues Leben eröffnen.

Erich Knirck
aus «Die Glocke»

Jungmaedchenkreis in Trombudo (S.C.)

Am 13. April hatten wir die Freude, einen Ausflug nach dem Altenheim zu machen. Morgens war das Wetter nicht sehr schön, aber wir liessen uns nicht zurückhalten und fuhren fröhlich ab. Im schönen Wäldchen vom Heim liessen wir es uns wohlgefallen, am Nachmitag hatten wir einen herrlichen Sonnenschein und konnten nach Herzenslust singen und spielen. Haben auch einige Bilder gemacht zum Andenken. Konnten auch den Alten ein paar Lieder vorsingen, die begeistert mithalfen. Und so ist der Sonntag vergangen mit Lobgesängen. Und in diesem Abschnitt möchten wir alle Mitschwestern in Christus grüssen, dass der Eckstein des Jugendbundes der Herr Jesus Christus bleibe.

J. B.

Kreisjugendtreffen im Alto Taquari

Am 1. Mai hatten wir unser Kreisjugendtreffen in Teutônia an dem 565 Jugendliche teilnahmen. Das Leitwort war Galater 5 Vs. 1, und wurde deutsch und portuguiesich bearbeitet. Nach dem Gottesdienst wurden Choraele vor der Kirche gesungen und vom Posaunenchor geblasen. Wir sind sehr dankbar für diese Tagung und sehen mit Freuden wie unsere Jugend wächst: 1955 waren es 210 Jugendliche im Kreis, 1958 sind wir über 700.

FOMOS AO BOTOCARAÍ — (Cont. da pág. 11)

Felizmente foram pouquíssimos os que se pisaram.

Esta excursão ficará gravada, para sempre em nosso coração como uma alegre aventura.

A excursão chegara ao fim. As despedidas foram saudosas. Mas, continua a existir a curiosidade de ver o Botucarí à luz do sol e sob um céu azul. Ficou por isso estabelecido que, em data a ser ainda fixada, se repetiria a escalada.

SUMÁRIO

Tempo para Deus
Conheça êste homem: Bispo Dibelius
Campanha pela Escola de Teologia
Criminosos, porque nada fizeram
Suicídio
Abriu-se a porta ao Universo
Pena de morte
Perguntas e Respostas
Fomos ao Botocaraí

DEUTSCHER TEIL

Nicht im Dunkeln tappen
Zweierlei Lied
Wie Du mir — so ich Dir
Jungmaedchenkreis in Trombudo (S.C.)
Kreisjugendtreffen im Alto Taquari

ÓRGÃO BIMESTRAL DA JUVENTUDE EVANGÉLICA DA IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL.

IMPRESSO NA «EMPRÊSA GRÁFICA METRÓPOLE S. A.» — P. ALEGRE.

Encomendas e Pagamentas: Centro de Impressas do Sínado Riograndense, São Leapalda, caixa postal 14.

Diretar responsável: P. KARL GOTTSCHALD.
Redação: Pastor G. Boll, Rua Senhor dos Passos, 190, Pôrto Alegre, RGS.
ASSINATURA POR ANO: Cr$ 36,00 — NÚMERO AVULSO: Cr$ 7,00





NOVIDADES E GRANDES SUCESSOS

Música Alemã em «Long-Play 33» e «78 rpm»

LEICHTE BRISE		
(De vento em pôpa)	LP	45.037
LIEDER DER HEIMAT		
(Canções folclóricas alemãs)	LP	45.060
OPERETTEN-BILDERBOGEN	LP	45.065
(Essa é formidável)	LP	45.080
TROMBETAS BRILHANTES	LP	45.093
RECITAL FRANZ LEHAR	LP	45.103
DAS IST JA PRIMA		
ORGÃO EM HI-FI	LPG	46.034
REMINISCÊNCIAS DE HEIDELBERG	LPG	46.042

Liechtensteiner-Polka	A	50.588
DAS ALTE FOERSTERHAUS	A	49.248
DIE KLEINE BIMMELBAHN	A	50.476
Kinder der Berge	A	49.432
Tulpen aus Amsterdam	A	50.265
H E I M W E H	A	50.181
S M O K Y	A	50.273
Wer das vergisst . . .	A	50.381

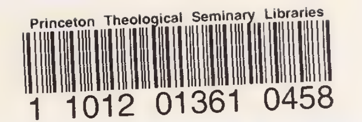
SIEMENS DO BRASIL COMPANHIA DE ELETRICIDAD

RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO • PORTO ALEG
RECIFE • BELO HORIZONTE • CURITIBA
LONDRINA • GOIÂNIA

FILIAL DE PÔRTO ALEGRE - Caldas Junior, 120 - Cx. Postal 413
Tels. 5050 - 4100 - 4960






Princeton Theological Seminary Libraries
1 1012 01361 0458

